



DO ALTO DESTE THRONO A IMPERATRIZ CONQUISTA A PREFERENCIA



AGUA LIMPIDA, DE SABOR LEVE,
FRESCO, AGRADAVEL E EMPUTRECIVEL

O SEU PODER RADIOACTIVO RECOMMENDA-A
COMO DAS MELHORES DO BRASIL

A ANALYSE CHIMICA CONSTATA A PRESENÇA DE
COMPOSTOS QUE LHE DÃO VALOR INCONTESTAVEL

PELA SUA ABSOLUTA PUREZA RECOMMENDA-SE
COMO EXCELLENTE AGUA DE MESA

AGUA MINERAL MEDICINAL - ALCALINA
GAZOSA - FORTEMENTE RADIOACTIVA

Banco de Credito Popular e Agricola de Santa Catarina

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada--Sistema «LUZZATTI»

ENDERECO TELEGRAFICO: «**BANCREPOLA**»

RUA TRAJANO N. 16 --- Edificio proprio --- Florianopolis

Emprestimos — Cobranças — Descontos

Faz toda e qualquer operação bancaria e empresta especialmente aos agricultores.

Correspondentes em todos os Municipios do Estado

ACEITA SAQUES PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL

Recebe dinheiro em deposito pagando as seguintes taxas:

Conta corrente LIMITADA	6 %
Conta Corrente AVISO PREVIO	8 %
PRAZO FIXO por 1 ano	10 %
PRAZO FIXO COM RENDA MENSAL	} por 1 ano 8 % por 2 anos 9 %

Brasil-Companhia de Seguros

(FUNDADA EM 1904)

Capital: 5.000:000\$000

Séde: SÃO PAULO

Opéra em seguros terrestres, maritimos,
ferroviarios, rodoviarios, acidentes
no trabalho e pessoais.

Companhia Paulista de Seguros

(FUNDADA EM 1906)

Capital: 3.000:000\$000

Séde: SÃO PAULO

Seguros terrestres e maritimos

AGENTE GERAL EM SANTA CATARINA

João Gonsalves

Rua João Pinto, 6 «» Caixa Postal, 128

Telegramas: «SEGUROS»

Farmacia Popular

Antonio d'Acampora

Praça 15 de Novembro, 27

**Completó sortimento
de drógas**

Especialidades farmaceuticas

Produtos hipodermoterapicos e
— homeopaticos —

Perfumarias finas

Artigos de borracha, etc.

Hotel Magestic

Rua Trajano, 4

— FLORIANOPOLIS —

Bôas acomodações

Mesa de primeira

Preços modicos

PREFIRAM O

Magestic

BOMBONS

MORITZ

Exija sempre esta superior marca de
bombons, balas, caramelos, etc.

SÃO PRODUTOS DE REAL VALOR

Grande premio na exposição
do Estado de Santa Catarina em 1929.

Fabrica :

Rua Tiradentes, 43

FLORIANOPOLIS

Cigarros

MINERVA

Fabricados em Florianopolis

FEITOS COM FUMO ESCOLHIDO

A' venda em todas as casas do ramo

FABRICA :

Rua Saldanha Marinho

JUNTO Á RUA

Tiradentes

Roupas sob medida pelos ultimos
figurinos na

Alfaiataria Elegante

Domingos Cardoso

RUA CONSELHEIRO MAFRA, 100

Casa Combate

Armarinhos — Fazendas — Ferragens

Fabrica de guarda-chuvas

RUA FELIPE SCHMIDT, 20

Nocetti & Cia.

Fabrica de chocolates, ca-
ramelos e bombons

Rodolpho G. Hickel & Cia.

RUA ESTEVES JUNIOR, 183

Os bombons HICKEL são os melhores

Advogados na Capital

Des. José Boiteux

Dr. Rupp Junior

Encarregam-se de qualquer serviço.



José F. Glavam

— REPRESENTANTE DEPOSITARIO —

END. TELEC. GLAVAM «(» CAIXA POSTAL, 42

RUA JOÃO PINTO, 6

--FLORIANOPOLIS--

Escritorio de Advocacia

Causas civeis, comerciais,
criminaes e orfanologicas.

Des. Gil Costa

Dr. Bayer Filho

e Dr.

Wanderley Junior

FLORIANOPOLIS

COOPERATIVA CATARINENSE

Miguel Malty

Rua João Pinto, 8

Secos e Molhados finos

**Louças e artigos
para Brindes**

Representações

Virgilio José Garcia

**Comissões e
Consignações**

Caixa Postal, 56

Rua Tiradentes, 10

— FLORIANOPOLIS —



Marmoraria Gomes

Maria D. L. Gomes

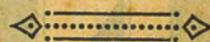
Exposição permanente de trabalhos
— de arte —

MAUSOLEUS — LAPIDES
CRUZES — ANJOS — VASOS

Rua C. Mafra, 150

CHAPÉUS

O maior sortimento da praça



F. MEGGO

C. Mafra, 15



FAZENDAS — ARMARINHO
BRINQUEDOS, ETC.

Renovação

REVISTA QUINZENAL

Artes - Letras - Atualidades

Redação: RUA TRAJANO N.º 2 — FLORIANOPOLIS — Santa Catarina

Assinaturas: Ano 20\$000 -- Semestre 12\$000 — Numero avulso 1\$000

Dirétores: *Genésio Paz e Alberto de Castro*

ANO I — Florianopolis, 30 de Setembro de 1931 — NUMERO I

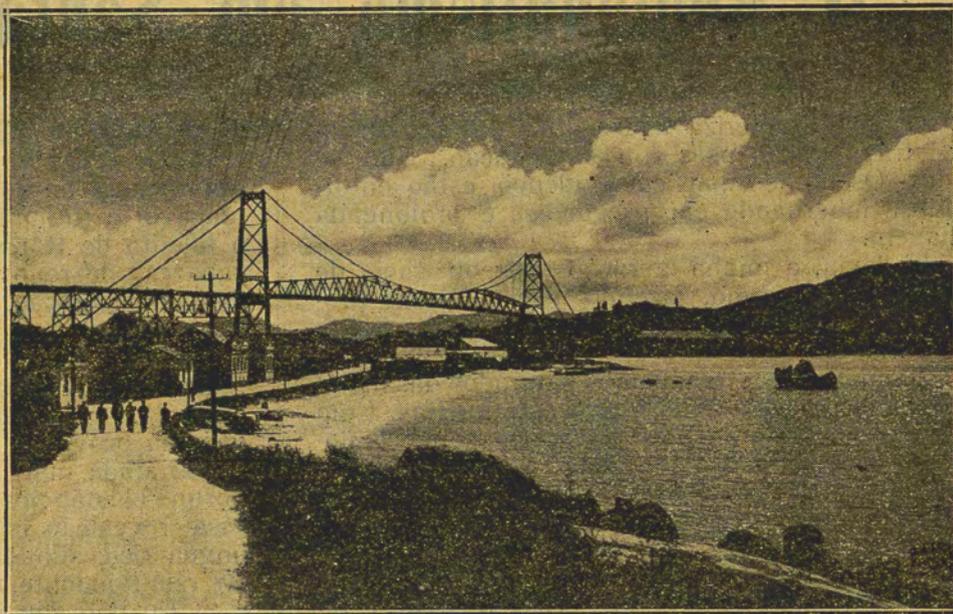
RENOVAÇÃO nasce na hora masculina e gloriosa em que a nacionalidade inteira se agita, ao sopro vigoroso e eloquente de uma ideologia sadia e harmoniosa, para a renovação ideal e fulgurante da Pátria e da República.

.....
A hora que passa, é bem a hora sublime da renovação, que RENOVAÇÃO fixará em suas paginas despretenciosas mas sinceras.

RENOVAÇÃO com o concurso dos mais destacados nomes da intelétualidade catarinense « essa seara de inteligencia » pujante e admirável — de que mui justamente nos podemos ufanar, e com os recursos graficos de que dispõe a nossa bela Capital, conta obter o apoio de todos os que consagram às letras a admiração e o carinho merecidos.

.....
E' pois programa de RENOVAÇÃO, o anseio de perfeição e de labôr fecundo, que é o ideal de todos os bons Catarinenses, de todos os bons Brasileiros.

Renovação — hora fecunda e magnifica de trabalho intenso, que faz a nacionalidade vibrar as sonoridades altiloquentes de um patriotismo ideal e puro.

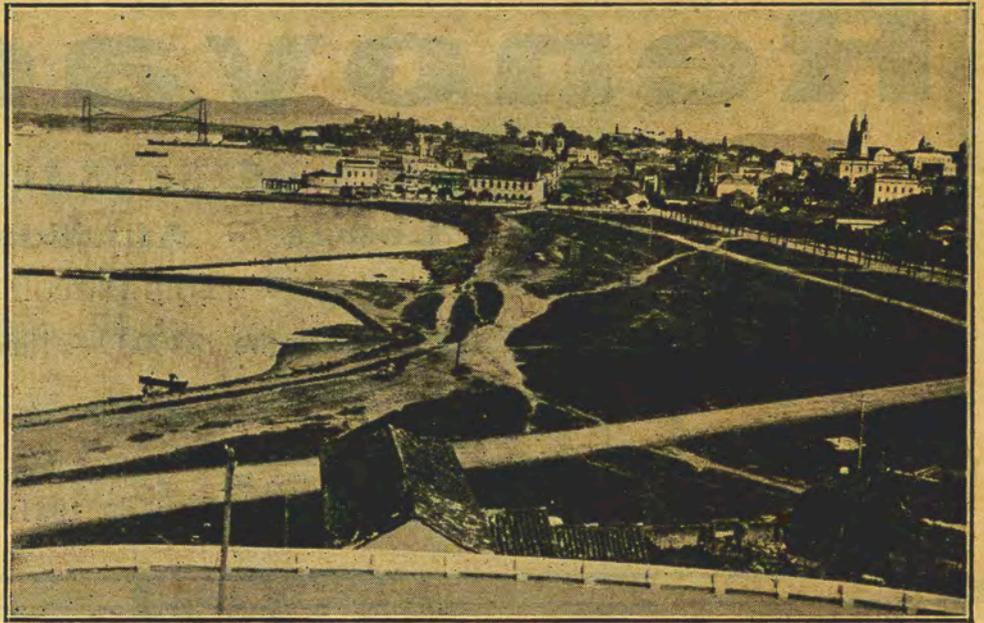




Altino Flores — jornalista vigoroso e polemista temível, estilista aprimorado e profundo conhecedor do vernáculo — é, sem favor, um dos expoentes da cultura catarinense.

Pena fecunda e admirável, no cenário luminoso das letras contemporâneas, tem sido um exemplo de perseverança e um autêntico penhor de vitórias.

Nome ligado a todos os empreendimentos intelectuais de Santa Catarina, «Renovação» orgulha-se em contá-lo no rol de seus colaboradores.



O Regionalismo em Santa Catarina

O que caracteriza a fase atual das provincianas letras catarinenses é a estagnação. Não se produz. Os nomes mais em evidência estão entorpecidos, hibernando em preguiçosa e prolongada vadiagem.

Todavia, a minha geração estreou cheia de esperanças e, mesmo, fazendo espetaculosas promessas — dalgumas das quais fui o confiante heraldo.

Naquela época estávamos saturados das maiores e mais influentes literaturas estrangeiras. Com raras excêções, os autores nacionais conheciamos-nos nós apenas a retalho, pela *Selêta em prosa e verso*, pela *Antologia Nacional* e pelos *Autores contemporâneos*. Ao contrário, o que havia de Shakespeare, Walter Scott, Dickens, de Goethe, Freytag, de Tolstoi, Dostoiewski, Turguenieff, Gorki, de Fogazzaro, D'Annunzio, de Galdoz, Blasco Ibañez, de Maeterlinck, de Hugo, Balzac, Flaubert, Zola, Daudet, Maupassant, Edmundo e Julio de Goncourt, Bourget, Hervieu, Barrès, posto em vernáculo, tudo isso passára sob nossos olhos ávidos. E, graças ao francês ginásial, íamos entrando em relações com autores estrangeiros vertidos para essa língua: Ibsen, Nietzsche, Gogol..

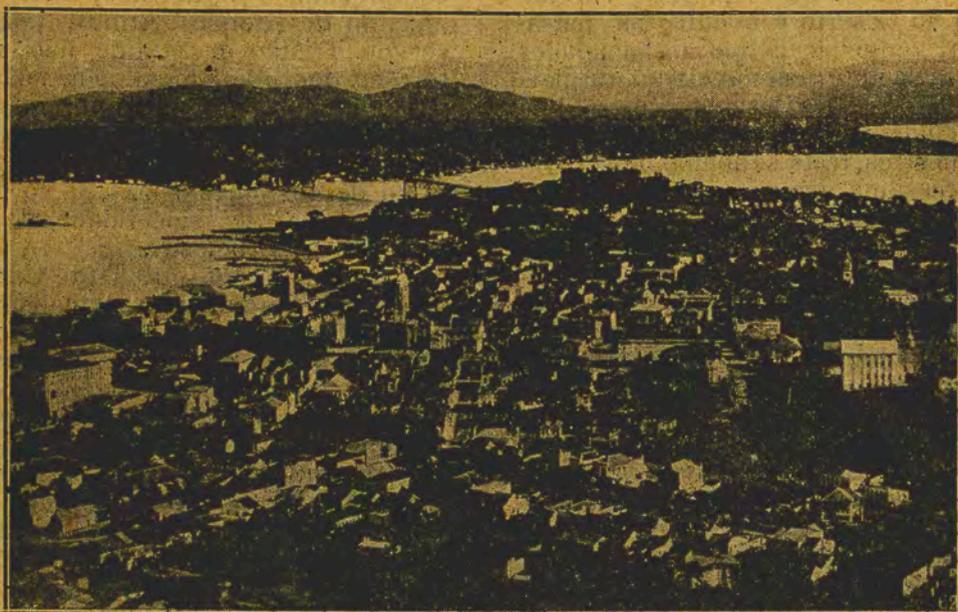
Quando Diniz Junior, — já lá vão alguns lustros, — nos apresentou, com uma carta ilustre e desvanecedora e bondosa a João do Rio, não nos declarou patrioticamente emparedados nos livros de Bernardo Guimarães, nem de Alencar, nem de Tavora (o Franklin, não o Juárez...), nem Gonçalves Dias, nem outros que tais cá de casa; mas, ao contrário, filiou nossa cultura artística, sobretudo, em autores os mais preclaros do estrangeiro.

O primeiro sentimento literário nos jovens rarissimamente é nacionalista. A mocidade é vaidosa e curiosa; talvez mais curiosa que vaidosa. Seu vôo ás letras de além-fronteiras não pôde ser acoimado de impatriótico. Explica-se pelo gôsto de brilhar originalmente e, ainda mais, pelo dese-

jo de conhecer *algo nuevo*. Quando um moço escritor se reduz ao ar confinado das letras de sua provincia, é porque essa provincia dispõe de inestancavel e rutilante tradição literaria e ele possui o talento de Roumanille ou o genio de Mistral — capazes de renovar incessantemente os tesoiros daquela tradição, através de lendas e poemas imortais; ou, então, é porque ignora que não basta redigir com solecismos vulgares e transitorios regionalismos algumas fantasias mais ou menos dramaticas ou humoristicas para nos dar a paisagem da provincia que habita, e cuja fisionomia moral ainda mais difficil lhe será revelar, ou seja porque ela não possui tal fisionomia, ou seja porque essa revelação não pôde ser feita sinão por uma lingua rica, afinada e dútil, e nunca por um linguajar relativamente restrito e destrambelhado.

Eu não sou infenso ao Regionalismo. Nunca subscrevi nada que encerrasse absoluto repúdio á legítima literatura realista. Também não me podem ser lançadas em rosto palavras minhas, leviana ou tendenciosamente interpretadas. Compreendo e justifico, p. ex., o regionalismo de um *Calendau* ou de um *Strontid*; mas encontro a maior dificuldade em compreender, p. ex., o regionalismo de meu preclaro amigo Tito Carvalho. Certamente, seu afan de nobilitar o Estado natal, attribuindo-lhe uma *capacidade* literaria autentica e inconfundivel, é digno dos mais calorosos gabos. E', em verdade, prodigiosa a soma de paciencia por ele empregada na fátura de seus contos serranos.

Ha, em suas páginas uma alta e absorvente preocupação artistica, talvez baldada. Para quem escreve Tito Carvalho? Para nós, cidadãos? Mas si não entendemos os termos locais de que recheia sua prosa!... Para os caboclos de serracima? Mas se os caboclos, — nove em dez — são analfabetos!... Ademais, o linguajar serrano não é sequer um dialéto estabilizado, definido, com fronteiras bem marcadas; é, sim, um vocabulário



incerto e sujeito a todas as vicissitudes inerentes á evolução histórica — intelectual, social e moral — da região. Quando se desalfabetizar aquela população, galvanizando-a á corrente incessante e esclarecedora do periodismo, quando se lhe derem ótimas rodovias e ferrovias prestantes que a ponham em contacto pronto e contínuo com os centros irradiantes da cultura pátria, veremos seu pseudo dialéto ir sendo quintado pela lingua polida do país, laço poderoso da nacionalidade e que, portanto, precisa ser cada vez mais equilibrado e depurado por todos quantos manejam a pena.

O que ressalta, nas produções de Tito Carvalho, já o disse acima, é o esforço do labor artístico. Seria interessante lêr-se a um caboclo sanjoquinense ou lageano, p. ex., a *Bulha de arroio*, para saber si apreende a logica e a verosimilhança da ficção... Tomai, porém, essa ou outra página sua e substituí-lhe os termos e os torneios ditos regionais por vocabulos e expressões genuinamente vernaculas, literarias, e vereis quanto se aproxima da maneira atormentada e violenta de Fialho d'Almeida. Quer dizer: a elaboração artistica do escritor catarinense não é uma função que se caracterize pela espontaneidade, e pela sinceridade como — parece-me — se deve exigir na literatura regionalista. Como estamos longe do humilde poeta Alphonse Tavan, «filho da gleba, curvado para ela», «o unico que foi verdadeiramente povo» e a quem Mistral bucolicamente comparou ao cantar do grilo escondido em sua moita, pelas noites de verão!... Aqui, ao contrário, ha um artista refinado, culto, buscando atentamente efeitos, applicando o raciocinio a seu método, ajustando, pesando, cambiando frases, sem conseguir disfarçar os vestigios de tão energico esforço.

Não ponho, nestas observações, o mais leve resquicio de censura. E, ainda que o pusesse, não o faria por maledicencia nem por *animo bellandi*. Tito Carvalho reconhece que nossa mocidade já passou e é tempo de mostrarmos ter adquirido o criterio e a tolerancia necessarios para agirmos como homens de educação perante qualquer divergência de idéas ou de sentimentos. Certamente, ainda haverá por aí, dentre os da minha gera-

ção, quem se arrepie e abespinhe com a mais leve crítica. Mas nós justamente deveremos demonstrar com a nossa atitude o contraste de sua verde e comica inexperiencia...

Dizer, pois, que qualquer dos contos regionais de Tito Carvalho é o produto de uma vontade que busca ser original a todo transe aparentando uma simplicidade que está longe de possuir, não é decretar-lhes a nulidade; é, antes, indietamente, reconhecer que estamos diante de um temperamento dotado de uma viva percepção da beleza, a quem repugnam as fórmulas frivolas dos escrevinhadores incultos, lamechas e triviais.

Em vão Tito Carvalho se esforçará por me fazer crer que sua estada em São Joaquim o tenha identificado estreitamente com a livre e rude vida serrana, a ponto de não mais pensar nem sentir, artisticamente, senão nos moldes em que sentiria e pensaria um caboclo dotado de um temperamento estético igual ao seu. Filho da cidade—cidade pequena, sim, mas, em fim, com um nível social incomparavelmente superior ao das fazendas do planalto, — não poderia aclimar-se, do ponto de vista psicologico, ao ambiente serrano. Isso exigiria dele uma especie de regressão ou diminuição mental, sómente possível a um espirito vulgar.

Amando apaixonadamente a arte, cultivando, com pudor, a leitura dos velhos classicos da lingua, sobretudo Vieira, buscando as boas rodas de palestra onde o comentario aos factos, ás coisas, aos homens e ás idéas só se faz com a melhor ironia, deveria ter-se sentido como que expatriado entre aquela gente, naturalmente simples, chã e, por isso mesmo, incapaz de satisfazer as altas aspirações de sua intelligência.

Conta-se que quando foi ao Egito, afim de vêr a terra que deveria servir de palco ás cenas de um livro seu, Flaubert ficou tão chocado pelos aspectos chatos e monotonos dos costumes e da região, que se meteu na *cabine* do vaporzito do Nilo, sem vêr mais nada... Da mesma fórma, Eça de Queiroz atravessou a Terra Santa, com uma pressa arrepiada diante da «secura, sodidez, soledade e entulho» que por toda parte se lhe deparava... Todavia, sabemos as pinceladas certas, nitidas,

vigorosas, sugestivas, com que um nos revelou a vasta melancolia do deserto e o outro as paisagens evocativas do Evangelho. E' que as faculdades artisticas são tanto mais impressionaveis quanto mais requintadas. Faço justiça a Tito Carvalho afirmando-o senhor daquelas faculdades. Porém, nò seu caso, como nos daqueles dois mestres, trata-se apenas de *objétivação*. O que os impressiona são os aspectos exteriores, os contórno das coisas, é a paisagem, em suma, em sua complexidade objétiva. E chego, assim, a esta conclusão irrecusavel: o regionalismo de Tito Carvalho é destituído de psicologia, nada subjétivo e, portanto, convencional.

Certo, o que predomina nos contos do prosador catarinense não é a feição descritiva, porquanto o que ele busca é dar-nos os traços íntimos, essenciais, *espirituais* — digamos assim — da vida serrana. Entretanto, em varios lances tem-nos ele proporcionado a visão de algumas paisagens e a enfocação de algumas figuras fortemente desenhadas. Mas isso é muito pouco para se chamar regionalismo. Ainda que entrem aí vocabulos regionalistas, mesmo que aqueles tipos se apresentem *en patoisant* nos dialogos, percebe-se sem dificuldade o artificialismo dessa literatura, por onde não circula a seiva profunda, espontanea e comunicativa da sinceridade.

Si Reuter e Mistral dispunham de linguas perfeitamente definidas em sua sintaxe e em seu vocabulario, si as regiões em que ambos, respectivamente, foram nados e criados possuíam tradições historicas ou literarias a que poderiam filiar-se as suas atividades artisticas sem aberrar do entendimento dos leitores, devemos reconhecer que faziam o legitmo regionalismo. E ainda

compreendo o sertanismo, direi, mesmo, o regionalismo de Afonso Arinos, pois que, como observou Tristão de Ataíde, não retilhava o «pitoresco dos idiotismos» nem fazia praça do «diáléto», — naturalmente por o sentir indefinido, precario e mobil — e não continha «simples perfume local, mero intêresse de paisagem ou pitoresco de costumes», mas, pelo contrário, possuía «real valor de sinceridade, de humanidade, de comoção e de beleza».

Acho, porém, que Tito Carvalho não pôde praticar o verdadeiro regionalismo em que até ha pouco dissipou notavel soma de talento. Além de ele não ser um produto legitmo da região que elegeu para moldura de seus contos, não possui essa região as tradições a que acima aludi, sendo de somenos valor os aspectos paisagísticos e costumários que por ventura pretendesse inculcar como grandemente representativos.

Outro terreno, menos estreito, quiçá mais fértil, está a desafiar a refinada estesia de Tito Carvalho.

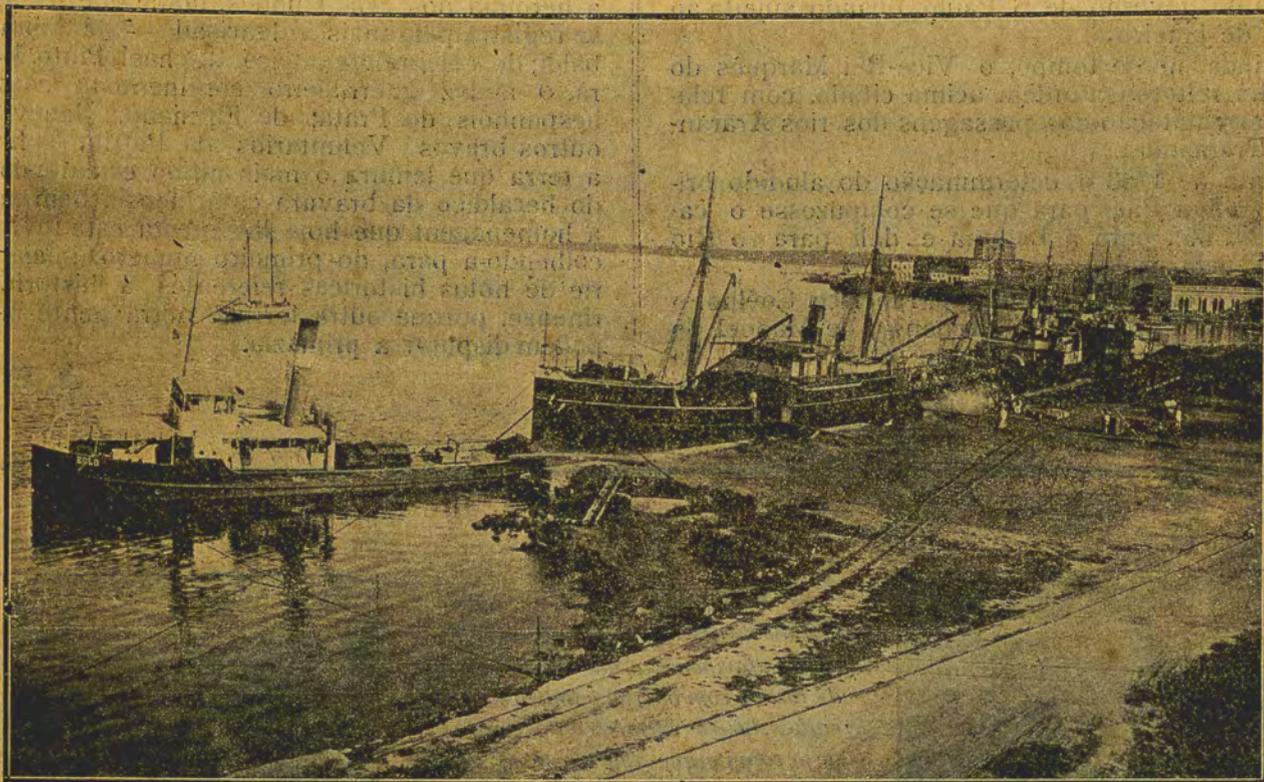
E termino com Tristão de Ataíde, um dos mais atilados criticos da hora atual: «... Si o sertanismo» [leiamos: regionalismo] «nos tem dado algumas obras que hão de ficar em nossa literatura, é apenas por conterem estas uma expressão natural e vigorosa da alma de seus autores... *Devemos deixá-lo exclusivamente aos filhos do Sertão*».

O grifo é seu. E é frisante.

(Florianopolis, 12—9—931.)

Altino Flores





PORTO DE LAGUNA — SANTA CATARINA

J. B. — Estas iniciais ocultam o nome de notavel historiador Catarinense, figura de grande destaque no meio social barriga verde e sobretudo nas letras — personalidade

ligada a notaveis empreendimentos que honram o Estado; tambem «Renovação», se orgulha em registrar uma parcela do seu labor intelétual.

LAGUNA

(NOTAS HISTORICAS)

Corria o ano de 1651, quando Domingos de Brito Peixoto, partindo de Santos, com os seus filhos Francisco e Sebastião, rumou para o sul á procura de terras onde se estabelecesse.

Deu preferencia, de começo, ao ponto do litoral catarinense banhado pela enseada que hoje se condecóra com o seu nome.

Por circunstancias várias, pouco se demorou naquela pinturesca paragem, resolvendo procurar, mais ao sul, local que lhe parecia mais próprio.

Assim, onde hoje se levanta a cidade da Laguna, o povoador fez parada definitiva.

Foi-lhe o primeiro cuidado a edificação de um templo, e, como bom descendente que era da gente portuguesa, dedicou-o a Santo Antonio dos Anjos.

Iniciou-se assim o núcleo que, com o andar do tempo seria a Laguna de hoje, pérola engastada no nosso territorio sulino, enriquecendo pelo seu trabalho de dia a dia para o valioso patrimonio moral, intelétual e material da Terra Catarinense.

Em pouco, já o minguado povoado de Brito Peixoto se transformava, pelo acrescimo de habitantes, principalmente vindos de Portugal, na vila para cujo predicamento providenciára a metropole através das determinações do ouvidor Raphael Pires Pardiniho.

Já então constante e cada vez mais facil, a ligação de Laguna com o continente de S. Pedro,

isto é, com o visinho Estado do Rio Grande do Sul.

Manteve Domingos de Brito Peixoto, por longos anos á sua custa, um pároco para que não faltasse a seus filhos e aos colónos o pasto espiritual.

Dos livros mais antigos do cartorio ecclesiastico consta ter sido o padre Antonio Silveira Cardoso o primeiro vigario colado naquela freguezia.

Teve Laguna por seu primeiro capitão-mór Francisco de Brito Peixoto, filho do povoador.

Em 1721, ficou Laguna agregada a S. Paulo, quando se deu a separação de Minas da Capitania. Já então morrera Domingos de Brito Peixoto, em avançada idade e abatido por antiga emfermidade.

Findo o governo de Francisco de Brito Peixoto, passaram a governar Laguna os Regentes nomeados pelos governadores e capitães—generaes de S. Paulo.

Em 1737, recebia a camara municipal ordem do governo brigadeiro José da Silva Paes para que fizesse arrematar os passos dos rios Araranguá e Tramandaí em favor dos seus cofres, remetendo-lhe, para esse fim, um regimento regulando o preço da passagem de pessôas, animais e cargas.

Quatro anos depois foi desanexada a vila da

Laguna do governo de S. Paulo, ficando sujeita ao do Rio de Janeiro.

Ainda nesse tempo, o Vice-Rei Marquês do Lavradio reiterou a ordem acima citada, com relação á arrematação das passagens dos rios Araranguá e Tramandaí.

Data de 1738 a determinação do aludido brigadeiro Silva Paes para que se compuzesse o caminho da ilha para a Laguna e dali para o Rio Grande, pela praia.

Berço natal de Jeronimo Francisco Coêlho, o fundador da imprensa Catarinense; de Manoel de Souza França, ministro também e secretario da Assembléa Constituinte; de Ana de Jesus Ribeiro,

a heroína dos Dois Mundos, nome que na historia se registra pelo mais vulgarizado — de Anita Garibaldi; do célebre brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, o audaz guerrilheiro continentista contra os hespanhóis do Prata; de Firmiano, Benevides e outros bravos Voluntarios da Patria, — Laguna, a terra que lembra o mais nitido esmalte do escudo heraldico da bravura catarinense, bem merece a homenagem que hoje lhe presta esta revista, escolhendo-a para, no primeiro numero, iniciar a serie de notas historicas referentes á historia catarinense, porque outra terra e outra gente não lhe podem disputar a primazia.

J. B.



MARIA DA ILHA,—e o pseudonimo de distinta e talentosa professora Catarinense e, que muito se tem destacado com os seus admiraveis trabalhos, honra "Renovação"—aceitando o convite que lhe fizemos, para que empreste ás nossas paginas o fulgor de sua pena.



A última derrota

«Só vive bem que chega a compreender a vida.»

E olhe que ela, com as suas infinitas complicações, é difícil de entender-se. Há criaturas que toda uma existência é pouco, para o conseguirem, dizia-me ontem, o Anastacinho Bezerra, mostrando-me, num jornal, a notícia da morte dum João Bastos. Eram algumas linhas simples, tão simples que mais pareciam um recurso de fim de coluna

Este Anastacinho tem pruridos de filósofo. Baixinho, minúsculo, ilumina-lhe a fisionomia um sorriso, onde põe toda a sua superioridade.

—«V. não conheceu o Bastos», disse-me êle, sentando-se numa poltrona de vime e pousado, sobre uma mesinha próxima, umas revistas, enquanto eu lia a notícia. E, sem esperar resposta:

—«O Bastos foi meu colega no curso primário. Garotinho amarelo, enfezado, olhos vivos e ritos constante de aborrecimento, nas faces desfalcadas de carne.

Era o primeiro da classe, que lhe votava manifesta antipatia.

A estima em que o tinha o professor, e o seu proceder, o seu «juízo precoce,» que

o levava a censurar todas as traquinadas dos rapazes, singularizando-o, entre êles, eram as forças centripetas poderosíssimas, capazes de desenvolver e atrair aquele sentimento.

Lembro-me duma vez que, tendo denunciado o maior da classe, por haver pôsto uma tira de papel ás costas do adjunto lhe deram muito, na rua, depois da aula, estragando-lhe uma fatiota nova e deixando-me penalizado.

Daí o Ranzinza, como era conhecido na classe, não se juntar com o grosso do pessoal.

Vida em fóra, estas cenas se reproduziram, com maior ou menor intensidade.

* * *

Durante muitos anos, não soube novas do Bastos.

No verão do ano passado, encontrei-o numa estação de águas. Andava magro, aborrecido, doente. Repousava.

Conversando, vim a saber nada mudara no seu carater.

Auxiliado pelo velho pai, comprara um prelo e se fizera jornalista. Foi um fracasso. «Amigo de todos, mas da verdade mais», teve consideravelmente aumentado o não

já pequeno número de desafetos. Apanhou umas bengaladas e a autoridade paterna obrigou-o a abandonar o posto de sacrificios.

E, depois de uma pausa em que mudou de posição na cadeira e pôs, no cinzeiro próximo, o cigarro que se extinguia, continuou:

Tentou a advocacia. Novo desastre...

Não por falta de competência, mas por ser inimigo dos sofismas com que devia iludir a justiça.

Já, então, o pai lhe morrera e êle resolveu fazer uma estação de repouso, isto é, um hiato aos constantes desencantos, encontrados, na existência, e lá se achava.

Nós conversávamos muito, porque eu tive, sempre, um fraco pelas criaturas excepcionais.

Muita vez, sentados no avarandado do hotel, um diante do outro e entre nós uma mesinha de centro, sempre alta de revistas e jornais, olhando o fundo verde da paisagem, disse-lhe:

V. quer saber seu Ranzinza! O conhecimento dos homens é feito para proveito proprio de cada um.

Não adianta mudar de cenário, nem de comparsas, seja onde fôr, a peça é a mes-

ma. V. é excéccional! Eu o admiro e o lastimo... Entenda como quizer.

O que lhe posso garantir é que v. é quem tem de mudar. As maiorias sempre venceram. Se v. não o fizer, muito menos, meu caro, os outros, isto é, nós.

Êle sorria e abanava a cabeça, incrédulo.

*
**

Faz, hoje, precisamente, oito dias que recebi, do Bastos, um cartãosinho, cujo texto eu tenho na memória:

"V., Anastacinho, tinha tôda a razão. Se ainda é tempo, procurarei emendar-me."

Daí esta notícia ter-me roubado o meu sorriso salvador.

E, como eu o olhasse interrogativamente:

V. não vê? O pobre Bastos foi derrotado em todos os jogos da vida e, quando se dispunha a vencer a si mesmo, a morte pespegou-lhe a derrota máxima, a última derrota.

Fpolis, 931-Setembro

Maria da Ilha

Uma historia e um conselho

Caminhava ao longo de uma alameda tão triste e tão desfolhada que ao vê-la o meu coração se confrangia.

Era linda nos seus quinze anos.

Os cabelos de um loiro fulvo quasi se confundiam com os raios do sol, perto do ocaso.

Tinha nos olhos negros a chama de uma ardente mocidade e na boca o desespero de um mal incuravel.

Aproximou-se receosa de uma roseira, na qual dias antes o seu velho amigo e medico, tinha feito uma experiencia

A roseira achava-se coberta de rosas em pleno desabrochar e de botões que deixavam advinbar a sua formosura quando tambem atinguissem o maximo desenvolvimento.

Só um e o mais lindo estava vergado e emorhecido pela dura experiencia do velho medico.

Na sua fina haste achava-se uma fita de seda fortemente apertada que não ti-

nha deixado passar a seiva que o alimentava.

Ao vê-lo assim a linda rapariga compreendeu o seu erro e a verdade tão simplesmente demonstrada pelo seu velho amigo.

Ela prometeu a si propria nunca mais impedir a sua seiva de circular; condenando o uso ridiculo do espartilho, unico causador da dôr que o seu belo rosto deixava transparecer.

Eis minhas amiguinhas de quinze anos o fim de um lindo botãozinho que se deixou apertar por uma inofensiva fitinha de seda.

Violêta





ARI C. DE ANDRADA — Se Ari quizesse uma secção para as suas produções, teríamos: que criar, por certo, «Berilnadas»... pois, na prosa leve e brejeira com que se nos apresenta, ha inegavelmente semelhanças com o estilo de Berilo Neves.



Casamentos & Loterias

O casamento é uma loteria.

A noiva é o bilhete; o noivo, o comprador, e o pai da noiva, o cambista.

O comprador é um imbecil que procura sarna para se coçar.

Todo o comprador tem um objetivo: ser contemplado com a sorte grande.

Rarissimo é no entanto, o que colhe resultado do seu objetivo: quasi sempre o bilhete sai branco.

O funcionario publico é um comprador original: Prefere adquirir um bilhete branco do que receber um «bilhete azul».

O cambista é um homem pratico na vida: Procura seguir a lei do menor esforço.

O objetivo do cambista é aliviar-se de um «fardo» passando-o ás mãos do comprador.
Sua tarefa, ás vezes, insana, é lucrativa: Uma filha que deixa a casa é sempre uma boca de menos.

Em toda a loteria ha bilhetes brancos e bilhetes premiados.

Os premios variam, as mulheres tambem.

Quem tira um premio de quarenta mil reis, conquista uma noiva cheirando a cebola; mas, se for de contos de reis, a noiva vem exalando a lorigan.

Dentre um turbilhão de compradores, ha um que sempre acaba por tirar a sorte grande.

Ao felizardo que tal consegue, se que conquistou uma noiva... da pontinha.

O que se casa com uma noiva... da pontinha, passada a lua de mel, acaba ficando de «ponta» com a esposa.

Porque será que nem toda lua de mel é doce? (Pensamento de um colneiro, traído nessa fase pela esposa)

Muitos noivos não fazem questão da cotação da noiva por isso vivem a comprar gasparinos.

O noivo que adquire um gasparino, não é egoista: Nunca se impressiona que caiba tambem a outros aquilo que lhe toca.

O pai da noiva é um cambista que não admite «quebrados».

Só oferece bilhetes a quem «póde» e revolta-se quando alguém, por pilheria, lhe pede uma fração.
Só vende por inteiro.



Em todo o casamento ha um Juiz de Paz e um Escrivão.

O Juiz de Paz é o fiscal do Governo junto á loteria e o Escrivão, o escrivão mesmo.

Nem sempre o Juiz de Paz, traz a paz. E' antes, involuntariamente, um cumplice na desharmonia entre duas pessoas de sexo diferente.

O dia da extração é o dia do casamento.

As testemunhas e os convidados presenciam a extração.

O publico assiste do lado de fóra.

A's vezes, muito antes da extração, o noivo já sabe que o seu bilhete não está premiado.

A carta anonima é uma intrigante, uma despeltada que não tendo arranjado noivo, vive a desmanchar prazeres.

Quando o comprador perde o bilhete antes da extração, é porque a noiva se perdeu de amores... pelo *chauffeur*, com quem acaba fugindo.

O sujeito que adquire um bilhete, embriagado, é porque tem «cachacinha» pelas mulheres.

Ha compradores que engeitam bilhetes por acharem feios os algarismos: só gostam de numeros bonitos.

E eu pergunto, caro leitor, quantas vezes não sai premiado um numero exquisito?

Todo e qualquer pagamento de um premio, prescreve a um praso maximo de seis mezes.

Ha mulheres tambem a praso.

A diferenca unica está precisamente na longevidade do praso.

Ha mulheres que se casam por contrato, a praso de dois, cinco, seis anos, e, até para toda vida.

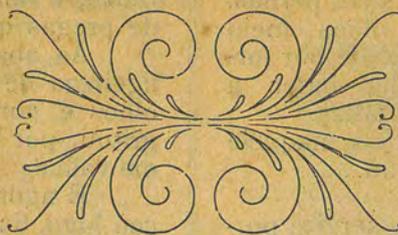
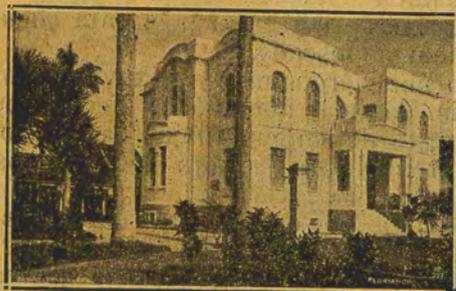
A mulher jovem e formosa que se casa com um velho, doente e sem dinheiro; é que, antes, já tinha vocação para enfermeira.

A vida e um conchavo de loterias.

Quem não arrisca um bilhete, arrisca a pele.

Uma profissão que pouco se recomenda, é a de costureira: Quando o serviço escasseia, vive a «tesourar» a pele dos celibatarios.

O celibatario e um sujeito que fóge dos cambistas com receio de tocar nos bilhetes.



TITO CARVALHO.—A escola Regionalista que tem legado á literatura nacional paginas brilhantes e representativas tem em Tito Carvalho, o seu precursor em Santa Catarina.

A zona serrana vive e palpita nos seus contos sugestivos onde a beleza da paisagem e os caracteriscos do povo se evidenciam em cada narrativa que a pena desse impressionista, traça com vigor.

“Renovação”, que admira o seu talento tem o maximo prazer em publicar os seus trabalhos.



Entrevado

Duvidar, não, que tudo é possível a Deus. Mas, sabe, o vivente quando não acredita logo, fica sem desmentir. Nem a pé, nem a cavalo. Não ha por aí tanta cria com cabeça dum animal e e corpo doutro? Olhe: a Mariana Beicinho não pinchou ao mundo um anticristo lanudo como chibarro, corneta, com bico de carucáca e olho de corvo-branco? Não ha impossivel.

O defunto Zé Sabino não morreu duas vezes? O Mané Postinho não se gerou em batatá, por ter costeado a laço a mãe trancucha?

Este caso é dos tais.

Eu vinha da Cochila-Rica, e, varando o rio Carona, no despraiado, timbrei na aragem orneios e guinchos, uma uivação de arrepiar sedenho, que nem dia de juízo. O matungo velho escaceador, creoulo daquela querencia, tira-cisma nas raias, abancou no repeixo e quiz sentar p'ra trás.

Quase me leva. Dizer que era mêdo, não era. A gente possui no corpo uma enliarada de nervos, é ver trama de catre. E mal a ronda da assombração nos alcance, ficam retinindo, que nem viola, espalhando uma tremedeira de sezões, seja cavalo ou seja homem — tudo é obra de Nosso Senhor . . .

Chamei dos tentos o «revirado», e o chupei com sêde, em golpaços de meio quartilho.

Não lhe conto. Subiu-me a quentura, garrei brabeza de confiado, e veiu-me a vontade de destrinchar o tedéum.

Risquei os garfos na picanha do parrelheiro, e despenquei, atalhando caminho, cochilhão abaixo, alcançando, em dois corcoveios, o pátio da casa.

Com o «nagant» cinchado na cartucheira, fiquei surdo á bulha de dentro e ao acôo da cachorrada veadeira. Fui entrando, todo pimpão.

E vi, e não acreditei, pegando a dar por conta do trago, gôrdo que já me parava, o que estava na minha dianteira.

Vá escutando . . . A casa é aquela, bem ao fundo do grotão, no meio dos pessegueiros e macieiras, côr de cinza, que mal comparando é uma pedra abafada no limo, com o cacuruto de fóra, p'ra não viver sem sol. Morava ali o capitão Quim Santos, com uma ninhada de familinhas. Quando ia cruzando a vida, p'ra velhice, com as crinas baio-fumaça, teve um esquecimento no corpo, e os mocotós e munhécas perderam ação, passando os anos encorrigido numa cadeira de cipó de Caxias.

Os filhos desenvolveram-se, amaridaram-se e fincaram o pé no mundo, a malucar por essas bandas da ilha, sem tento no ajutorio ao velho, na obrigação de aumentar o campo, as rézes, mais as bemfeitorias.

Diz-que a velhona deu no fadario, e só uma das tiberias ficou ajoucada no casco do entrevado, temperando o decômêr, batendo invernadas, a trabalhar as creações, e carpindo a lavorinha.

Nesse dia, a pedicheza, a ver carancho, farejou coberta-d'alma, e varejou a casa de achões podres.

Quando cheguei, o miseravel, sózinho, de cacacú frio, a cara vermelha de tabefes, não pode escorraçar a ciganagem tiatina, e por mais que se affligisse na cadeira, não se levantava.

Daí, a desgraça não se tinha ultimado. Uma cascavel chocoalhou o guizo, arrodando o cachichôlo, e furando num vão de parede, garrou a se arrastar pela sala, como quem examinava.

A bandidagem, com o cagaço da dentada, gachou-se a rinchar a um canto, em tremição de cachorro surrado.

A cobra passeou, sem reparar nêles. Depois enveredou p'ro velho, grudou-se nas suas pernas. O pobre parece que poz a vida nos olhos meio cobertos de leblina. Queria defender-se, de por força, e como nos tempos de destorcido, bater a mão na espada e dividir a bicha em fatias.

Roncava que nem rês acuada, mas, naquele corpo, só a boca e os olhos se mexiam...

E a cascavel ia trepando..

Eu quiz strafegal-a. Mas era um serviço pouco, embrabecer mais a sujeita. Fiquei quieto, num desespero de quem pôde e não deve planchar-se.

Ela enrolou a cola na cintura do velho, e volteando pelas costas, enroscou-se no cangôte, a modos de coleira, com a cabeça em pé, na altura das orelhas, e os dois araminhos da língua a fuzilcarem no ar.

O infeliz fez um força medonha, de causar dó mas as juntas enferrujadas não estralaram. A agonia era barbaridade. Afinal, como quem quer salvar-se

ou arrebentar-se duma vez, deu um gemido meio rouco, e duas lágrimas escorreram pela cara cheia de pregas que nem nanoscada.

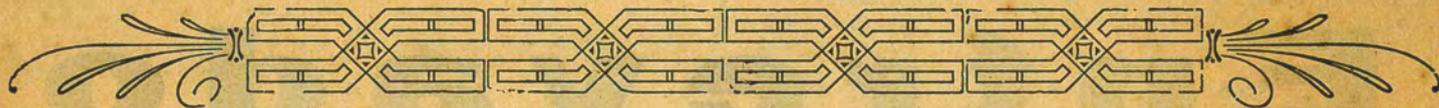
As abas do nariz erguiam e abaixavam com ligeireza de vasio danimal abombado. Fechou os olhos e, com o resto de sangue subido ao caco, gritou, por milagre: «Nossa Senhora dos Afflictos me valha!»

E agora me diga, por que é que a cobra desceu logo, ficou uns tempinhos deitada aos pés, mortos do entrevado, e, depois, pregando os dentes envenenados na perna do chefe da quadrilha, saiu direita ao capão cruzando em riba da minha bota, sem prêssa, sem maldade, batendo o guizo, como numa procissão das almas.

Não foi a fé a sua salvação?

Como é que a gente ha de duvidar dando máu-passo, olvidando-se, se Deus não conhece impossiveis e sabe inzemplar, como proteger as creaturas, sejam homens, cavallo ou cobra?

T I T O C A R V A L H O



A Pena

A pena, sendo de bôa têmpera e manejada por mão de mestre, serve para causticar os pre-tenciosos nas suas atribiliarias maquinações.

*
**

A pena, traduzida em sentimento, e manifestado com brandura, serve para nos tornar-mos credores de uma simpatia efemera.

*
**

A pena, exposta com cinismo, aos espiritos menos esclarecidos, serve para obrigar as pssôas a terem que se desobrigar de um compromisso assumido.

*
**

A pena, na mão de individuos sem escrupulos, serve para arrastar os outros ás penas dos tribunais.

*
**

A pena, quando mal aplicada, serve para transformar um pacifico cidadão, num degenerado da pior especie

*
**

A pena, correndo nervosa sobre assetinado papel, transmite a longa distancia aquilo que não diriamos de viva vóz.

*
**

A pena, a que muitos individuos são condenados, faz arrepiar os cabelos de muito homem sisudo.

*
**

A pena, que para muita gente é dolorosa, é para outros, motivo de grande satisfação e contentamento.



ENTRE ALUNOS

- Quantos anos tem o mundo?
- Para mim, 16 anos.
- Bem se vê que não estudaste anatomia.
- Pois eu nasci em 1915!...

*
**

—Quantos valores recebeste nas últimas provas?

—Todos os que o professor me quiz dar e mais dois que meu pai lhe pediu!

*
**

—Sabes quantas fases tem a lua?
—Sou máu psicologo e não me dedico a essas observações.

Progresso Catarinense

ESTAÇÃO DE CURA

Santa Catarina possui uma das melhores estações de cura por meio de banhos, pois os mananciais de águas radiativas que são utilizadas para esse fim, abundam no seu solo. Caldas da Imperatriz é a primeira estação dessa natureza em nosso Estado, distando da Capital, apenas 28 quilômetros com linha regular de autos onibus.

Situada a 200 metros de altitude, com clima saudavel, um grande e moderno hotel, onde os hospedes encontram todo o conforto.

Caldas da Imperatriz é o lugar preferido por todos que procuram um lenitivo para seus sofrimentos ou simplesmente desejam repousar temporariamente.



Sala de Recreio do hotel das Caldas da Imperatriz — S. Catarina

CINEMAS

Bancando o Lord



Harry Richman and Irving Berlin, star and composer respectively of "Puttin' on the Ritz"

A Empresa Moura & Macuco está começando a anunciar o grande filme da «Unite Artists» «Bancando o Lord», uma produção toda dançada e cantada, com o desempenho do famoso comico de elite, Harry Richmann e pela encantadoraestrela Lillyan Tashman, que nesse garboso filme, apresenta riquissimas *toiletts*. A ação desta historia passa-se em New York, nos *cabarets* de luxo, entre luzes feéricas e fantasticas, entre o som de afinadissimos *fazz-bands*.

Bancando o Lord

completa a serie das produções «supers» que a vitoriosa marca dos «Artistas Reunidos» está apresentando no mercado brasileiro.

Esta é a fita que passará no cine
teatro

Centro Popular

na primeira semana de Outubro.



É o penultimo film de

Milton Sills.



RECURSO EXTREMO

PRODUÇÃO SONORA da MOVIE TONE com

DOROTHY MACKAILL
MILTON SILLS
KENNETH MACKENNA
SHARON LYNN
ROSCOE KARNs
Direcção de Berthold Viertel



Nesse film Milton Sills foi secundado por uma «estrela» de grande valor, uma «estrela» muito querida: Dorothy Mackaill em «Recurso extremo», cujo entreccho foi escrito especialmente para ser vivído por Milton Sills, representa uma das maiores contribuições do querido artista para o cinema-sentimento.

O trabalho é da Fox-Movietone.





ERICH VON STROHEIM
EM

O Grande Gabbo

UMA SUPER PRODUÇÃO TODA FALADA (COM LETREIROS EM PORTUGUÊS) CANTADA E DANSADA SOB A DIREÇÃO PESSOAL DE

JAMES CRUZE

EM GRANDE PARTE COLORIDO

«O grande Gabbo» é, de facto, o problema mais interessante e atraente que jamais coube a Stroheim solucionar com a sua interpretação artística.

A idéa básica, a de colocar no ponto capital do film um ventriloquo que manifesta a sua sub-conciencia por meio do boneco, utilizando-se desse sêr inanimado para expandir o que sente no fundo da alma mas que o seu orgulho não permite dizer abertamente, servir-se desse fantoche para permittir aos que o rodeiam e ouvem, conhecer a sua verdadeira mentalidade, essa idéa toca ás raias do génio de um Chaplin, ao encarnar num film sonoro — UM SURDO-MUDO !



De musica

Constituiu um verdadeiro acontecimento para Florianópolis, o concerto levado a efeito na praça 15, no dia 7 do corrente.

Folgamos regosijantes pelo facto, pois os seus organizadores, com o programa do dia 7 em praça publica provaram exuberantemente o quanto se pode fazer com os recursos de que dispomos em nossa terra, no terreno da musica.

As duas bandas reunidas sob a regencia alternada dos dois maestros formam um belo conjunto.

Tivemos oportunidade de verificar esse grande trabalho de organização, que para alguns céticos não seria possivel realisar-se.

O maestro Pompeu, na noite de 7 de setembro, até parecia um rapaz de 25 anos, de batuta em punho delineando no espaço as concordancias musicais que os seus dirigidos tão harmoniosamente arrancavam aos instrumentos.

Corradini, o talentoso maestro do 14° B. C. mais uma vez pos á prova a sua tecnica de regencia, a sua agilidade e energia de movimento, imprimindo sempre a tempo, com a alma de um artista, o esforço da sua superior maestria.

Foi um belo saráu musical; que nós aplaudimos com fervôr; e encitamos aos incansaveis maestros a prosseguir no caminho encetado, para proporcionar, assim, ao povo Florianopolitano, umas horas de emoção intensa e agradável passa tempo.

As autoridades que em tão boa hora contribuíram para essa realização devem

estar de parabens, e os maestros, com todo o conjunto de realizadores devem-se ufanar de tão bela prova.

Teremos a ventura de ouvir mais vezes tão harmonioso instrumental, com partituras escolhidas como as de 7 de setembro?

Renovação, faz votos para que isso aconteça!

Elas por elas...

Certa vez um praiano, desses que comumente transportam em suas lanchas velozes os produtos com que abastecem a capital; frutas, verduras, lenha, etc, aproximando-se dêle um comprador de achas, este, notando que a lenha era demasiadamente miuda, perguntou em tom irônico!

—Esses pausinhos servem para palitos?

—Servem sim, depende da boca do comprador!...

Nesse dia não comprou lenha, e em casa também não havia palitos.

GEOMETRISMO

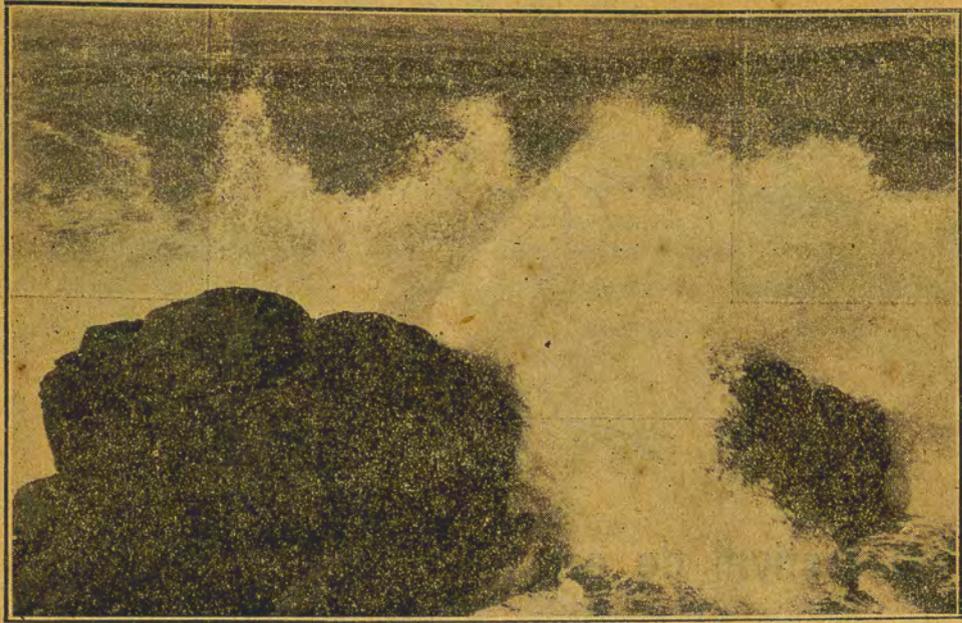
Juquinha, que visitára uma exposição de pintura moderna e que pouco entendera de tanta cabeça quadrada e olhos rasgados á chinês, pergunta ao pai:

—Gostou dos quadros papai?

—Admiraveis Juquinha. Esse pintor é um dos precursores da nova escola—é *geometrista*.

Ah! Fez o Juquinha. É porisso que aquelas caras de moças são tão feias!

Vejo que não entendeste. Entendi papai, é que é uma questão de linha e por um rostinho lindo... o pintor teria que fugir á escola!...



Os pescadores

(do livro «A epopeia do trabalho» de
Ferreira de Castro)

E' o mar a revolta milenaria, a inquietude constante, que no seio de cada vaga vai rolando até ás praias da Eternidade. E' o mar um prisioneiro da terra, mas a sua alma de rebelde não se resigna ao carcere incomensuravel e protesta e ruge e brame no silêncio de todas as noites e na noite de todos os seculos. O mar desconhece a resignação, os estados misticos, as lassidões fatais— êle é a propria alma da rebeldia e luta sempre, sempre, incansavelmente, para despedaçar os seus grilhões, as suas algemas eviternas. E crispase e ergue-se imponente em sua velha ira, fervendo em ódio antigo, espumando preteritos desejos de vingança e liberdade— e não perdoando, jamais, jamais, a terra que lhe serve de carcere.

Ha muitos milhares de anos que o mar se encarniça em dar o exemplo de revolta ao homem escravizado.

E por isso êle exige aos que lhe demandam a furia legendaria em bateis tam frageis dir-se-ão falúas onde embarcam, para naufragar irremediavelmente, todos os fantasmas do Sonho, uma energia tam forte como aquela que encerram as suas ondas convulsas.

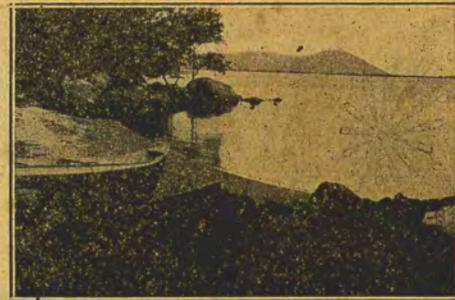
E os pescadores surgem assim como titans remotos que igualam, já que não a

podem dominar a força do mar. E fraternizam assim com o Eterno Revoltado, acabando por lhe conquistar a alma inquieta, que recolhem depois nas arcadas dos peitos robustos.

E começam a viver a liberdade do mar, uma liberdade bravia, como toda a liberdade primitiva. E deixam que em seus olhos se espelhe a ânsia do longínquo, da distancia infinita, de que só o mar tem o condão. E o céu violáceo que sucede ás tempestades parece-lhes um céu livre, sob cuja cúpula se pode navegar sempre para além, sempre mais para além, até se aportar ao continente da Liberdade Ilimitada. E lutam constantemente, infatigavelmente perante a miragem fugidía que não quis deter-se ainda e que êles sem a assinalar sequer, levam na alma inoculada pelo mar. E chegam a odiar a terra que encarcera o rebelde que a êles proprios agrilhôa, a essa terra a quem dão, pródigamente desdenhosamente, os seus esforços— e que é uma terra mártir e escravizada, onde florescem, regados por sangue humano, os juncos da tirania.

Mas um dia, o mar que êles igualaram em bravura, abre seu seio profundo e sepulta-os, entoando um cântico surdo, fúnebre, um cântico de olvido e redenção. Exalta-os numa apoteose de ira, que é nele, uma apoteose de ternura.

E depois de lhes extrair a alma, que voejará sempre como um fluido de energia e de revolta, sobre tôdas as distâncias, sôbre as longitudes ilimitadas, êle arroja-lhes o corpo á terra—á terra desprezível que se sacia com os despojos da Liberdade.



Ecoss de um festival de arte

No dia 12 do corrente, foi executado, no teatro Alvaro de Carvalho, um grandioso programa de arte; musica e canto.

O espetaculo, que foi em beneficio do festejado artista do arco, Ernesto Emel, teve o concurso franco e sincero da sra. Ondina Simone Gheur, com o seu grupo de alunas de canto. A parte musical esteve a cargo dos membros da sociedade «Fratellanza Italiana», juntamente com outros amadores, sob a regencia do maestro Pompeu. O programa, escolhido a capricho, foi executado nos seus minimos detalhes com a maxima perfeição. Emel, o querido violonista, o idialista sonhador, por mais de uma vez deixou transparecer a emoção de que se achava possuido, pela prova de carinho e simpatia que seus amigos e admiradores, num gesto cativante de bondade fraternal, em tão boa hora se lembraram de levar a efeito.

Espirito delicado de artista primoroso, cuja sensibilidade ele demonstra nas arrancadas maviosas do seu inseparavel violino, não podia deixar de sentir as afetuosas provas de carinho de seus colegas, numa festa tão intima, de tão comovedora significação.

Mais uma vez, sobre tantas Emel, o eximio sinfonista, deliciou com suas arca-das, por espaço de duas horas fugidias, os ouvidos da assistencia, formada de pessoas destacadas do nosso meio social e artistico.

O enlevado encanto com que foram executados alguns numeros de musica, já pela sua natureza nostalgica, por momentos nos fez lembrar os concertos sinfónicos das grandes metropoles, sobretudo a bela composição de Grieg,— La Mort D'Ase.

A snra. Ondina Simone Gheur, com os

seus numeros de canto de extraordinaria beleza, cuajuvada pelas suas gentis alunas, na festa napolitana em miniatura, cujo desempenho cheio de graça e originalidade, provocou dos assistentes, fartos e prolongados aplausos.

Tambem dos artistas catarinenses Sebastião Vieira e senhorinha Icléa Vieira, e E. Peluso, foram executadas produções que muito agradaram.

Todos sem exéção se houveram bem no desempenho de tão dificil função que é a arte de tocar e cantar interpretando com sentimento e devotado entusiasmo, a verdadeira arte na sua expressão mais forte, cadenciada pelo ritmo crescente e empolgante dos seus proprios interpretes.

E' que para se compreender a arte é preciso ser artista.

Emel, é artista e sabe compreender a sua arte.

Foi uma noite cheia de graça, de encantos, de emoções, de vida.

Ansiosos aguardamos oportunidade para assistirmos as festas dessa ordem, sem, entretanto, serem revestidas do significado daquela, mas sim, de uma expontaneidade natural, pois com tão aprimorado conjunto, podem-se organizar programas seléto e de fino gôsto.

*
* *

Depois do exito do festival artistico em favôr do querido artista, foi o mesmo reprizado no dia 28 do mesmo mêz. Foi mais uma consagração para o fine e delicado espirito de Emel. O programa executado, foi o mesmo. Todos quantos tomaram parte se desempenharam bem de tão nobre missão.

«Renovação», apresenta aos organizadores e éxecutores, os seus sinceros parabens.



Romeu Balster — O ironista temível de «A'La Diable», consagrado poeta que muito se destacou na imprensa do visinho Estado do Paraná, com o admirável soneto desta pagina, empresta a **RENOVAÇÃO** o concurso estimavel de seu talento.

SONÊTO

Se em vosso olhar gentil um sol fulgura,
Ainda de luz mais firme e mais doirada,
Que este que se suspende pela altura,
E vai com a noite e vem com a madrugada;

Se nas faces trazeis a nivea alvura,
E, no labio, o rubor de uma alvorada,
Onde os sorrisos pairam com ventura,
Como o orvalho na flôr desabrochada;

E se as noites trazeis em vossas tranças,
Ora, cativas, deshumanamente,
Ora, soltas na espadua, em desalinho;

É só para matardes de esperanças,
Quem de esperanças vive descontente,
Sem poder vos tirar de seu carinho.

1906

Romeu Balster

Dorval Lamotte — Á pena rija do jornalista, devemos o encantador soneto que honra esta pagina, è que a alma simp es e forte do gaúcho, faz vibrar numa lira magica que Lamotte tanje com maestria.

CONFISSÃO

Desde o momento que te vi, querida,
Bela, altiva, culta e fascinante,
Trago minha alma em extase dorida
E apaixonada desde aquele instante.



Sou um triste mendigo nesta vida,
Que nas trevas da duvida ando errante.
Vem dar-me, pois, a esmola apetecida,
A esmola do teu riso cativante!

Se não for o meu amor odiado,
Se o meu querer for recompensado,
A vida me será risos e flores.

Mas se fores cruel e desalmada,
Has de saber um dia, ó minha amada,
Que eu feneci pensando em teus amores!

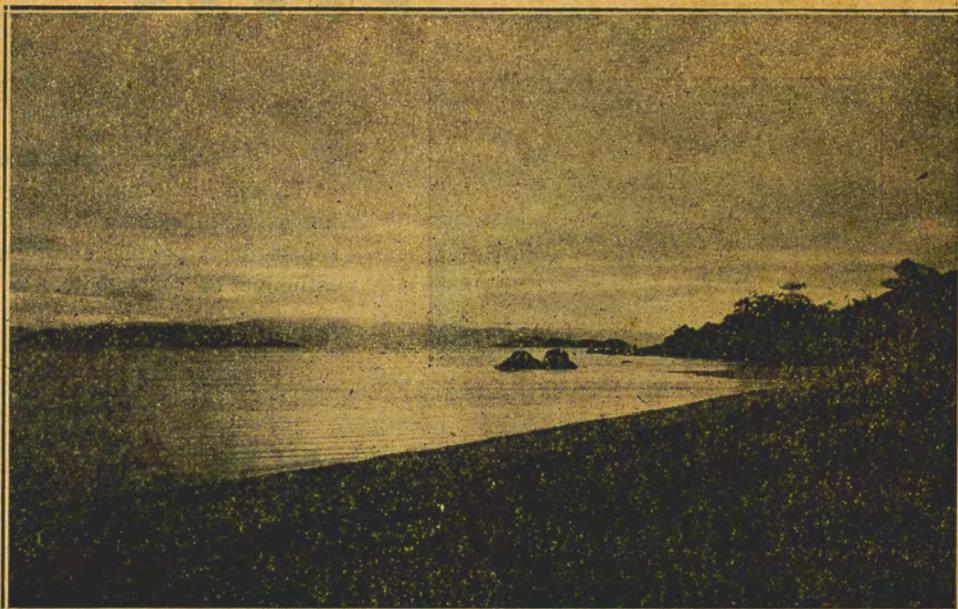
DORVAL LAMOTTE

Florianopolis, 2 de Julho de 1931

L. ROMANOWSKI — poeta
exótico da modernidade.

Na sua musa ousada e rebelde,
alguem descobriu uma nova escola—o
Absolutismo—parece-nos todavia, que
a sua arte não se acomoda aos limi-
tes de qualquer escola— é livre, muito
livre!

Ideias soltas sem precoceito de
forma.



Impressão

“Socega coração! foste tu
mesmo que bateste de amôr e de
saudade...”

Fariás N Sobrinho



Tarde
Nenhum rumor
A cidade dorme como morta
(... enquanto eu em silencio
releio o livro do nosso grande amor!)
De repente, sinto que alguém bate á porta

Levanto-me
Olho:
Ninguém...
Tudo é solidão.

(... Sómente vejo o asfalto da rua, que bri-
lha um brilho nostalgico ao palido clarão da lua)

Atento o ouvido:
Nada
Começo a tremer de medo... de comoção...
Duvido...

E dentro da comoção que se apodera de mim,
descubro, que ao relêr o livro do nosso grande amor,
quem bateu tão fortemente assim,
foi o meu coração
com saudade do teu coração.

Tapéra



Essa tapéra
que dantes era
a casa mais linda do sertão,
hoje destruída por terra
vive no abandono
pelo seu dono
que nela morou...

Apenas tem ao seu lado
uma lagôa
que parada,
em segredo,
parece ter medo
da tapéra,
que dantes era
a casa mais linda do sertão...

E ao ver essa tapéra
destruída por terra
que vive no abandono
pelo seu dono
que nela morou,
enchi-me de comoção:

—Porque vi nessa tapéra
que dantes era
a casa mais linda do sertão
o retrato perfeito
do meu coração!...

EMFIM...

ODILON FERNANDES

Emfim terá despontado
 O dia em que hei de partir;
 Um dia leve e anilado,
 De sol intenso a luzir...
 E, indiferente á natura,
 Que de oiro e azul se engalana,
 Irei, tranquilo, á procura,
 Do suspirado Nirvana.

Um desejo, apenas, quero satisfeito,
 Quando a extrema hora ressoar, emfim:
 Ter a tua efígie sobre o imóto peito,
 Para a Eternidade receber-me assim.
 Quero estar ao lado, como sempre estive,
 Da tua alma ingenua, que me cativou,
 Pois, vencendo a Morte, mais se inflama e vive
 Cristalino aféto que o ideal buscou!

Num mundo novo e florido
 Felizes reviveremos;
 Maiores que o mal sofrido
 Venturas encontraremos.
 Será só festa e bonança
 A nossa vida no Além;
 Fortuna que não alcança,
 No mundo mortal, ninguém.
 E, como um éio á corrente,
 Sem um hiato siquer,
 Unir-se-ão, novamente,
 Em Deus, marido e mulhér.

Não haverá mais dano ou pena
 Que nos possa de novo afligir
 E a luz da beatitude ha de, serena,
 Sobre as nossas frentes benções esparzir...

A lira emotiva e perene de vibração de Odilon Fernandes, cantou na sugestão vigorosa destes versos — o poema intimo de sua saudade! — De uma saudade dolorosa, que põe em cada estrofe, a serenidade transbordante de um estado d'alma.



Maura — é nome feito.

É com justificado orgulho, que «Renovação» abre suas páginas á pena brilhante e repleta de encantamentos; dessa poetisa vibrante, para que o estro refulgente de sua musa luminosa e sonhadora, possa na magia de seus poemas cativantes, nos trazer a alegria vitoriosa e douradura de emotividade, que reflete a alma carinhosa e boa dessa consagrada artista da palavra.

O poema cintilante que ora publicamos, é de seu livro «Cantaro de Ternuras» que sairá brevemente para honra das letras Catarinenses e gloria de sua festejada autora.

«Renovação» agradece a primasia desta noticia certa do sucêso artistico do livro.



Extase Selvagem

EU estou a caminhar entre os pessegueiros floridos . . . Enquanto os meus pés descalços pisam, com alegria bugra, a terra morena do pomar, as minhas mãos, na consciencia de que possuem um tesouro, embevecidamente seguram a tua carta de amor !

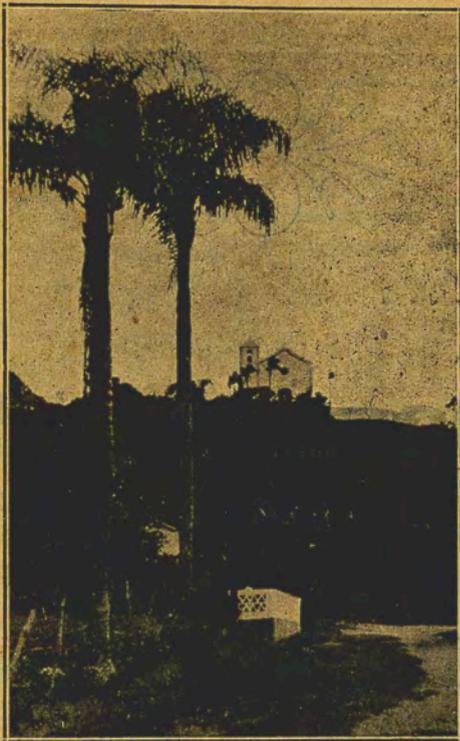
A tarde formosa está em torno de mim . . . Mas que me importa a tarde formosa se os meus olhos só têm vida para reler as tuas frases de ritmos diversos ? Ora me falas como meu pai quando eu era pequenina, ora com a altanaria do gigante que roubou a princeza . . .

Meus cabelos voam aos caprichos do vento e a minha tunica branca tambem treme e dança com ambições heraldicas de ave . . . Mas que me importa a ciranda do vento se os meus sonhos cirandam em torno da tua carta de amor ?

Lá bem longe, eu sei que se agitam ideias e se realizam lutas, que há clamores de angustia e gargalhadas de gôso . . . Mas que me importa o mundo se tenho um mundo de ventura e de beleza na tua carta de amor ?

M A U R A D E S E N A P E R E I R A





A Capelinha branca da Lagôa

Na Lagôa,
Na Capelinha branca
Festiva,
Acolhedora...

Todo um rebanho
De almas irmãs,
Quando o sino
Rebôa...

Encontra feliz,
Com fé piedosa,
No santuario
A consolação.

Na prece simples,
Comovedora,
Da gente humilde
Há devoção...

E é linda e festiva,
Na colina verde
A Capelinha branca
Da Lagôa.

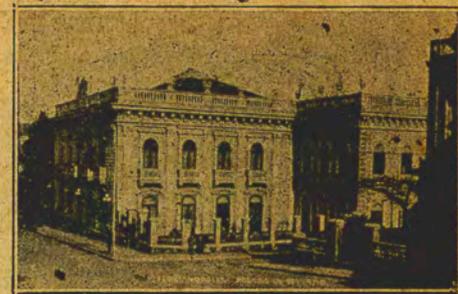
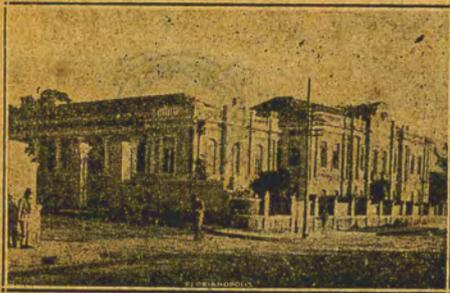
Ratônes

Sintinelas verdes,
Flutuantes
Bem longe na baía
Imensa.

Guardas avançadas
Da ilha luminosa,
Verde,
Florida,
Encantadora.

Joia soberba do Atlantico
Gigante,
Que a natureza
Prodigiosa,
Recortou de praias
Magestosas.

E enfeitou de encostas
Verdejantes.
Quadro magnifico,
Rutilante,
Da cidade gentil
De Floriano.



Os Amigos

ULTIMOS VERSOS

Amigos, cento e dez ou talvez mais,
Eu já contei. Vaidades que eu sentia!
Supuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortais,

Amigos, cento e dez, tão serviços,
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que já farto de os ver, me escapolia.
As suas curvaturas vertebrais.

Um dia adormeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez houve um sómente
Que não desfez os laços quasi rôtos.

Que vamos nós—diziam—lá fazer?
Se ele está cego não nos pôde ver!
Que cento e nove impávidos marôtos!

Camillo Castello Branco

Nossa Capa

O desenho de nossa capa é concepção e trabalho do consagrado artista E. Traple, pintor paranaense, professor de desenho de nossa escola Normal; que, fez os clichês, completando no seu proprio atelier, a ilustração de nossa capa—esses traços vigorosos que dizem com eloquencia o valor e o mérito de seu autor.

Para tornar novo o veludo

Misturem—duas colheres de amoniaco e duas de agua quente. estenda-se esta solução com uma escova dura sobre o veludo, esfregando bem para a fazer entrar nos pêlos de maneira que alcance todas as manchas e as pequenas rugas. Cobre-se então um ferro quente com um trapo molhado e aplica-se por cima do avesso do veludo até que o vapor que dele sai levante o pêlo da fazenda e fique todo perfeitamente sêco.

Notas de Arte

AUDIÇÃO DE PIANO

No dia 20 do corrente realizou-se no salão do cine teatro Centro Popular uma audição de piano levada a efeito pela snra. Gama Deça Costa, distinta professora de musica.

O programa que foi extenso, foi executado com perfeição pelas suas alunas, em numero de vinte aproximadamente.

Agradou sobremaneira a abertura com a sonata a 4 mãos de «Czerny», executada pela sua filha Carmem da Gama Costa e Roial Silva da Cunha.

A sra. Gama Deça Costa, teve, assim, oportunidade de apresentar ao publico Florianopolitano o seu numeroso grupo de alunas bem como dar uma demonstração da sua competencia profissional, aliada a uma persistência vigorosa.

O avarento

Puxando um avarento de um pataco
Para pagar a tampa de um buraco
Que tinha já nas abas do casaco.
Levanta os olhos, vê o céu opaco,
Revira-os fulo e dá com um macaco
Defronte, numa loja de tabaco...
Que lhe fazia muito mal ao cacô!

Diz ele então

Na força da paixão:

-- Ha casaco melhor que aquela pele?
Trocava o meu casaco por aquele...

E até a mim... por ele.

Tinha razão,

Quanto a mim.

Quem não tem coração

Quem não tem alma de satisfazer
As niquices da civilização,

Homem não deve ser;

Seja saguim,

Que escusa tanga, escusa langotim;

Vá para os matos,

Já não sofre pratos

A calçar botas, a comprar sapatos;
Viva nas tocas com os nossos ratos,
E coma côcos que são mais baratos!

João de Deus



A. S.—O cronista elegante de «Então sim!» preferiu apresentar-se na modestia de duas letras...

Sim, e agora que o temos, resta-nos pedir que continue, pois «Renovação» acolherá com agrado as suas observações fleristas das «elegantes» da nossa Capital.



Então, sim!

O passado poderá viver para a tradição; nunca para a vida de hoje, de electricidade, aviões, radios, velocidade... Ele, o passado, será lembrado, incensado, glorificado. As transas alongadas e veludosas das mulhéres têm hoje para a literatura, para a arte, motivos de invocações e beleza. Mas não será mais toleravel a uma *girl* que se preze de elegante e moderna a ausencia dos cabelos curtos de mocidade e encanto.

Ontem, Florianopolis fazia o curso elegante da tarde no seu jardim. hoje, o curso elegante será feito na sua rua principal. Por isso mesmo, vai desaparecendo do jardim, do nosso tão alegre e frequentado jardim, o buliçoso *footing* vespertino.

A nossa risonha Capital toma ares de cidade grande. Aliás, não ha negar o aspéto de cidade maior que já se observa nesta Florianopolis, em toda a sua praça principal e adjacencias. Especialmente aos domingos e ás tardes bonitas, esses trechos concentram muita gente que vai e vem num *footing* gostoso. Os cafés regorgitam de frequentadores, espalhando a boa musica de suas orquestras e eletrolas até ás ruas, dando, assim, uma nota atraente ao curso. Os cinemas se movimentam sempre com mais de uma sessão, animadas, em rigor. Muita gente para lá e para cá, balançando á onda preguiçosa da elegancia. O passeio chic passará a ser feito na nossa melhor rua, ás

tardes calmas e douadas pelo crepusculo. A' maneira das cidades grandes. Na encantadora terra carioca, temos a Avenida Rio Branco; a rua dos Andrades, em Porto Alegre; a rua Quinze, em Curitiba.

Aqui teremos a rua Felipe Schmit.

Muito breve, será o jardim abandonado. Abandonado não é bem o termo. As sombras frescas de suas arvores. Os seus canteiros perfumados de flores, os seus bancos deliciosos... Ah! não pôde ser ele de todo abandonado. Não será mais o ponto mundano, o ponto da elegancia. Todavia, reunirá ainda muita gente. Será, sim, abandonado pelo *flirt*. Não terá mais o festejar brejeiro da mocidade, que se expande e alegre e canta e faz barulho como os grandes jazz-bands da atualidade.

E' a rua Felipe Schmitd que está ficando da *pontinha*, elegantissima. E luz, vitrines, bom-gosto todo o traje *fragola* de uma rua chic se está acentuando pouco a pouco. Já se faz o *footing* no primeiro trecho da rua. E dá perfeitamente, logo que saia aquele andaime e haja luz e outros cuidados no segundo trecho, para tornar maior o trajéto mundano.

Depois, o *footing* ficará do céu...

Então, sim!

A. S.

Fratellanza Italiana

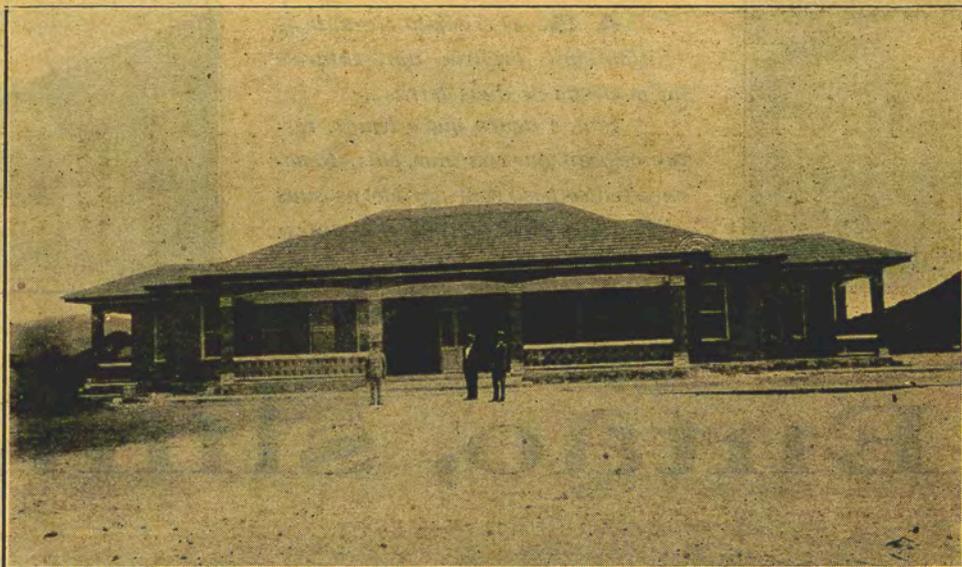
Em comemoração de seu aniversario de fundação esta prospera e infatigavel sociedade, deu aos seus associados no dia 20 do corrente mez, uma bela festa nos salões de sua séde.

A data, por si, já é uma recordação gloriosa para todos os italianos; pois lembra a unificação das provincias italianas no grandioso reino que hoje abranje toda a peninsula italiana.

Assim, a colonia italiana aqui domiciliada, prestou simultaneamente tres homenagens.

Comemorou a data da unificação da Italia; da sua sociedade beneficente e recreativa e despediu-se condignamente do Dr. Sestino Mauro, consul italiano á pouco removido para igual cargo numa das cidades da Russia.

A festa que constou de diversos numeros de musica pela sua excelente orchestra, terminou com elegante baile que se prolongou até altas horas.



O balneario na magestosa praia de Canasvieiras

No dia 5 do corrente foi inaugurado o grande Balneario Canasvieiras. O áto foi assistido de representantes do snr. interventor e demais autoridades, bem como grande numero de pessoas de destaque no nosso meio.

Os arrendatarios exploradores do balneario, snrs. David Silva & Cia., serviram a todos os presentes, um lauto jantar, seguido de finos doces, bebidas etc.

Tudo correu na maior cordialidade, notando-se em todas as pessoas o contentamento e satisfação por tão importante melhoramento para a terra catarinense.

No dia seguinte, domingo, como estivesse um bellissimo dia, foi grande o numero de forasteiros que acorreram a Canasvieiras, contemplar, longe do bolicio da cidade, aquelas lindas paisagens, bela praia, e admirar o grandioso edificio que se ergue magestoso em tão aprazível lugar.

Entre os visitantes, via-se o snr. general interventor, que aproveitando o belo dia de domingo, quis, numa prova de gen-

tileza para com os esforçados propulsores do progresso da terra barriga verde, dar a sua demonstração de acolhimento aos bons empreendimentos.

Entre os visitantes, predominou sempre uma nota alegre, e todos se divertiram, comeram, beberam e passearam em franca e risonha camaradagem.

* * *

Canasvieiras, é um lugar aprazível. O balneario está situado numa linda praia com 14 quilômetros de extensão, podendo por ela, correr os automoveis em agradáveis passeios.

Constatamos estar o balneario aparelhado para receber qualquer numero de familias; pois dispõe de 27 quartos completamente mobilados a gosto; sala de jantar; sala de fumar; sala de musica; jardim etc.

Iluminação electrica.

Serviço de auto-onibus diariamente da capital, ida e volta.

Tempo bem aproveitado

Um excentrico queria que o seu criado, ao dar-lhe qualquer ordem, o comprehendesse logo, de fórma a evitar gasto de palavras, e disse-lhe ao ajusta-lo:

—Olha que não gosto de falar muito, ouvis-te? Quando, por exemplo te disser: «barba», já sabes que tens de trazer-me agua quente, o sabonete, as navalhas, etc.

—Sim senhor, respondeu o criado.

Uma manhã entrou o criado no quarto do

patrão a levar-lhe a chavena de chá que costumava tomar antes de se levantar.

—Não, hoje não tomo. Estou doente. Vai á botica; o boticario já sabe.

O criado foi.

Passou-se o tempo e nada de aparecer. Só ás quatro horas da tarde è que chegou a casa.

—Então que demora foi essa Francisco? O que te aconteceu?

—Nada, meu senhor, não perdi tempo algum.

Como V. S. me recomendou que devia perceber todas as suas intenções ao dar-me qualquer ordem, fui á botica, fui prevenir o medico, seguidamente á agencia funeraria e falei com o prior da freguezia. O caixão não deve tardar por aí.

Casa Bonassis

Alfaiataria

Secção de armarinhos e artigos para homens, senhoras e crianças.

Oscar Bonassis

Rua Felipe Schmidt, 17 - A

— FLORIANOPOLIS —

Pianos usados

Vendem-se a longo praso

Com o dinheiro do aluguel, pódem pagar a prestação de um piano usado, adquirido por compra.

Trocam-se discos usados

Ver na MUSICAL

Pulmogyl

Contra bronquite, tosse, gripe e todas as enfermidades do peito.

Ascarol

Vermifugo purgativo e de gosto agradável.

Gotas brancas

Contra dôres de estomago, vomitos, indigestões, maus arròtos, etc.

FABRICADOS NA

Farmacia Moderna

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO 27

Esquina da Rua Conselheiro Mafra

— FLORIANOPOLIS —

Fazendas em côres fixas

V. Sa. só encontra nas conhecidas

Casas Pernambucanas

Enorme sortimento em algodões, brins, morins, fantazias, voiles, sêdas, tricolines, etc.

Procurem a marca «OLHO» a unica que garante a resistencia, contra chuva e sol.

Fazendas com esta marca, só nas
Casas Pernambucanas
RUA FELIPE SCHMIDT N. 15

Vásco Gondin

Representante

Rua Conselheiro Mafra, 33-1º. andar

Caixa postal, 120

END. TELEG. — “VASGON”

Codigos : Ribeiro, Borges e
Mascotte

FLORIANOPOLIS

FABRICA

— DE —

MOVEIS

IRMÃOS ZIMER

Rua Visconde de Ouro Preto, 32

Florianopolis

Fabricam-se moveis artisticos
— e de estilo. —

Executam-se trabalhos comerciáis.

Preços de concorrência

Companhia de Navegação

Lloyd Brasileiro

Praça 15 de Novembro n. 1

End. Teleg. : “NAVELLOYD”

Telefones : --- Esct. 1007 --- Arm. 1338

LINHAS REGULARES:

Rio de Janeiro --- Porto Alegre e
Rio de Janeiro --- Laguna

Todos os navios opéram atraca-
dos á ponte da Companhia. Excéto os
de grande tonelagem, que devido ao
seu calado opéram nos ratones.

Façam seus seguros na

“Equitativa”

**C. N^{al}. de Seguros
de Vida**

Séde : **Rio de Janeiro**

Avenida Rio Branco, 125

*Prefiram a Tinta de
escrever*

Tucano

A MELHOR E A MAIS BARATA

Peçam informações ao representante
para todo o Estado de Santa
— Catarina —

Gustavo da C. Pereira

12 Rua Tiradentes, 12

FLORIANOPOLIS

Padaria Olga

RUA FREI CANECA, 181

Fabrica de Biscoitos, Bolachas
e pão de diversas qualidades.

Entregas a domicilio de
manhã e á tarde

Emprega-se farinha da
melhor qualidade

**Madeiras para
Construções**

Serraria de madeiras, telhas de
barro, de cimento, tijólos, cal, areia,
madeiras preparadas para constru-
ções, ladrilhos etc.

Enéas Cardoso

DEPOSITO:

RUA FRANCISCO TOLENTINO

Florianopolis — Santa Catarina

Casa Rival

Edmundo Romanelli

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 24

Quer V. S. ser bem servido em cal-
çados por preços os mais baixos
da praça?

Procure esta casa e terá essa gran-
de convicção.

Grandes novidades em artigos de
Senhoras recém chegados.

Ultimos modelos do rei dos chapéus
Universal, Soberano e Primus.

**FARMACIA E DROGARIA
S. AGOSTINHO**

J. Augusto de Faria

Rua Trajano, esquina C. Mafra

Aviam-se exata e exemplarmente as receitas; não se adulterando a sua manipulação para vender barato!

Secção especial de perfumarias dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros.

DROGAS, PRODUTOS QUIMICOS E FARMACEUTICOS.

Conservem a saude dos cabelos e da pele, usando os preparados de

Mme. Selda Potocka

A' VENDA NA

Casa Oscar Lima

Rua Conselheiro Mafra

Casa da Vitrola

Ricardo Decke

Vitrolas -- Discos

Peneus Michelim e General

TEXACO-OLEOS E GASOLINA

ACESSORIOS EM GERAL

Praça 15 de Novembro, 7

FLORIANOPOLIS

Casa Souza

**BRINQUEDOS, ARTIGOS
PARA PRESENTES**

Confecções para crianças, etc.

A MELHOR NESTES ARTIGOS

Rua Conselheiro Mafra-N. 26 - A

Casa Libano

Rua FELIPE SCHMIDT, 19
Fazendas e Armarinhos

Perfumarias finas

Chapeus Gravatas

Sedas  Modas

Alfaiataria Silva

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO
Trabalho a capricho pelo ultimos
figurinos

Sortimento completo de artigos para
homens; Chapéus, camisas, e
gravatas.

A Capital

— Conselheiro Mafra, esquina da —

Rua Trajano

O Colosso da Praça

Sortimento completo de artigos
para homens


Secção de roupas feitas

Depositaria dos chapéus

RAMENZONI

Moveis e instalações Comerciais

Thomaz Camilli
Rua Blumenau, 3
TELEFONE, 1618

FLORIANOPOLIS
Representante das afamadas camas

Patente

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTES

LETRAS — ATUALIDADES

Divulgação em todo o Estado, Rio Grande
do Sul, Paraná e capital da Republica

Renovação

aceita e retribui quaisquer fotografias de
Arte, Paisagens, Acontecimentos sociais;
revistas, jornais, etc.

Renovação

faz uma propaganda inteligente dos
seus anunciantes

Anunciar na RENOVAÇÃO é ganhar
tempo e dinheiro.

Peçam a tabela de preços de anuncios
de RENOVAÇÃO.

TIP. DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES FLORIANOPOLIS